

**CONSTITUIÇÃO DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR EM BELÉM NO FINAL DO SÉCULO XIX**

*DISCIPLINARY CONSTITUTION OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION  
IN BELÉM AT THE END OF THE NINETEENTH CENTURY*

*CONSTITUCIÓN DISCIPLINAR DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR  
EN BELÉM A FINALES DEL SIGLO XIX*

---

**Gabriel Pereira Paes Neto**

Doutor em Educação e Ciências

Universidade Federal do Pará

Belém, Pará - Brasil.

E-mail [gabrielpaesneto@gmail.com](mailto:gabrielpaesneto@gmail.com)

Orcid <https://orcid.org/0000-0002-3648-6239>

**Eduardo Paiva de Pontes Vieira**

Doutor em Educação e Ciências

Universidade Federal do Pará

Belém, Pará - Brasil.

E-mail [epontesvieira@yahoo.com.br](mailto:epontesvieira@yahoo.com.br)

Orcid <https://orcid.org/0000-0003-1641-7014>

---

**RESUMO**

Este artigo analisa a constituição disciplinar da Educação Física escolar na cidade de Belém do Pará, no final do século XIX, problematizando os modos pelos quais determinadas ginásticas e esportes foram historicamente selecionados, sistematizados e legitimados como práticas pedagógicas adequadas à educação do corpo. Ancorado em pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos, especialmente nas noções de biopoder e biopolítica, o estudo investiga práticas discursivas e não discursivas que produziram modos específicos de ver, governar e educar os corpos no contexto da modernização urbana belenense. As fontes analisadas incluem periódicos pedagógicos, textos normativos e documentos oficiais, que evidenciam a articulação entre discursos médicos, higienistas, morais e pedagógicos na institucionalização da Educação Física escolar. A análise demonstra que ginásticas e esportes foram mobilizados como tecnologias políticas do corpo, integrando projetos de governo da vida orientados pela racionalidade do progresso, da higiene e da moralidade. Ao mesmo tempo, práticas corporais populares, lúdicas e locais foram marginalizadas ou secundarizadas. Conclui-se que a Educação Física escolar em Belém se constituiu como parte de um dispositivo

disciplinar mais amplo, cujos efeitos normativos ultrapassam o período analisado e permanecem relevantes para a compreensão contemporânea da educação do corpo.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar. Constituição Disciplinar. Biopoder. Higienismo. Corpo.

## ABSTRACT

This article analyzes the disciplinary constitution of school Physical Education in the city of Belém do Pará at the end of the nineteenth century, examining how specific forms of gymnastics and sports were historically selected, systematized, and legitimized as appropriate pedagogical practices for body education. Grounded in Foucauldian theoretical and methodological perspectives, particularly the concepts of biopower and biopolitics, the study investigates discursive and non-discursive practices that produced specific ways of seeing, governing, and educating bodies within the context of Belém's urban modernization. The sources include pedagogical journals, normative texts, and official documents, which reveal the articulation of medical, hygienist, moral, and pedagogical discourses in the institutionalization of school Physical Education. The analysis shows that gymnastics and sports functioned as political technologies of the body, integrated into broader projects of governing life based on ideals of progress, hygiene, and morality. At the same time, popular, playful, and local bodily practices were marginalized. The article concludes that school Physical Education in Belém was constituted as part of a broader disciplinary dispositif, whose normative effects extend beyond the historical period examined.

**Keywords:** School Physical Education. Disciplinary Constitution. Biopower. Hygienism. Body.

## RESUMEN

Este artículo analiza la constitución disciplinar de la Educación Física escolar en la ciudad de Belém do Pará a finales del siglo XIX, problematizando cómo determinadas gimnasias y deportes fueron históricamente seleccionados, sistemizados y legitimados como prácticas pedagógicas adecuadas para la educación del cuerpo. Fundamentado en presupuestos teórico-metodológicos foucaultianos, especialmente en las nociones de biopoder y biopolítica, el estudio examina prácticas discursivas y no discursivas que produjeron modos específicos de ver, gobernar y educar los cuerpos en el contexto de la modernización urbana de Belém. Las fuentes analizadas incluyen revistas pedagógicas, textos normativos y documentos oficiales, que evidencian la articulación entre discursos médicos, higienistas, morales y pedagógicos en la institucionalización de la Educación Física escolar. El análisis demuestra que las gimnasias y los deportes operaron como tecnologías políticas del cuerpo, integradas en proyectos de gobierno de la vida orientados por ideales de progreso, higiene y moralidad. Al mismo tiempo, prácticas corporales populares y lúdicas fueron marginadas. Se concluye que la Educación Física escolar en Belém se constituyó como parte de un dispositivo disciplinario más amplio, cuyos efectos normativos persisten más allá del período histórico analizado.

**Palabras clave:** Educación Física Escolar. Constitución Disciplinaria. Biopoder. Higienismo. Cuerpo.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisa-se a constituição histórica de modos específicos de ver, compreender e educar o corpo na cidade de Belém do Pará, problematizando como determinadas ginásticas e esportes foram progressivamente selecionados, organizados e legitimados como formas supostamente corretas de intervenção pedagógica no espaço escolar. Parte-se da compreensão de que tais práticas corporais não emergiram de maneira espontânea ou neutra, mas foram historicamente produzidas e incorporadas a projetos mais amplos de ordenamento social, nos quais o corpo se tornou alvo privilegiado de estratégias de poder-saber e de processos de normalização (Foucault, 1999; Soares, 2012, 2016).

O estudo volta-se, especificamente, à análise das práticas discursivas e não discursivas que contribuíram para a constituição disciplinar da Educação Física escolar em Belém, no final do século XIX, período marcado por intensas transformações políticas, urbanas e culturais associadas ao ideário da modernização e da Belle Époque amazônica<sup>1</sup>. Nesse contexto, a escola assumiu papel central como espaço de difusão de novos padrões de conduta corporal, articulando discursos médicos, higienistas, pedagógicos e morais que passaram a definir o que deveria ser ensinado, exercitado e regulado nos corpos infantis.

Ancorado em pressupostos foucaultianos, especialmente nas noções de biopoder e biopolítica, o artigo compreende que os discursos não apenas descrevem a realidade, mas a produzem, instituindo verdades, saberes e subjetividades (Foucault, 2021). Essa perspectiva permite situar as práticas corporais escolares como tecnologias políticas do corpo, integradas a estratégias de governo da vida que operam por meio da disciplina, da normatização e da gestão das populações. Assim, ginásticas e esportes são analisados não apenas como conteúdos escolares, mas como dispositivos que participam da

---

<sup>1</sup> A chamada belle époque amazônica corresponde a uma modernidade historicamente situada, articulada à economia da borracha e à circulação de modelos culturais europeus, especialmente franceses. Em Belém, esses referenciais foram apropriados de forma não mimética, produzindo padrões locais de sociabilidade, civilidade e estética, marcados por tensões e hierarquizações sociais próprias do contexto amazônico (Coelho, 2011).

produção de corpos considerados saudáveis, úteis, moralizados e socialmente ajustados.

Paes Neto; Vieira (2025) indicam que o processo de modernização urbana esteve profundamente articulado à produção de práticas corporais normativas, nas quais a Educação Física escolar desempenhou papel estratégico na conformação de novos modos de viver, mover-se e habitar a cidade. Nesse cenário, ginásticas e esportes foram mobilizados como instrumentos de regulação da vida, integrando projetos de governo das populações que buscavam alinhar saúde, higiene, moralidade e produtividade aos ideais de progresso e civilização (Paes Neto; Vieira, 2025). Ao interrogar esses processos, o artigo propõe desnaturalizar os sentidos historicamente atribuídos à Educação Física escolar, evidenciando seu caráter contingente, político e historicamente situado.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo ancora-se em uma perspectiva foucaultiana de análise, especialmente nas contribuições teórico-metodológicas associadas à arqueogenealogia, tal como desenvolvida por Michel Foucault (2008). Essa abordagem desloca a investigação histórica da busca por origens, essências ou continuidades lineares, direcionando-a para a análise das condições históricas que possibilitaram a emergência de determinados discursos, práticas e regimes de verdade. Nesse enquadramento, o interesse não reside em explicar o “nascimento” da Educação Física escolar como resultado necessário de um processo evolutivo, mas em compreender como certos modos de educar o corpo tornaram-se possíveis, legítimos e socialmente reconhecidos em um dado contexto histórico.

Ainda que o recorte empírico situe-se no final do século XIX, a problematização é orientada por questões que atravessam o presente. As práticas corporais institucionalizadas – especialmente ginásticas e esportes – continuam a operar como dispositivos de regulação dos corpos, articulando-se a discursos sobre saúde, produtividade, moralidade e normalização. Assim, o retorno ao passado constitui um movimento analítico estratégico, que busca evidenciar os processos históricos por meio dos quais tais práticas se estabilizaram como referências pedagógicas centrais na escola.

A noção de arquivo, conforme elaborada por Foucault (2008), é mobilizada

como ferramenta analítica fundamental. O arquivo não é compreendido como um simples acúmulo documental, mas como o conjunto das regras que definem o aparecimento, a circulação e a permanência dos enunciados. A partir dessa perspectiva, jogos, ginásticas e esportes são analisados como práticas que se tornaram verdadeiras e ensináveis não por sua suposta neutralidade ou eficácia intrínseca, mas por estarem inseridas em formações discursivas específicas, atravessadas por relações de saber e poder.

Nesse sentido, o conceito de formação discursiva assume centralidade. Os enunciados são tomados como unidades dotadas de materialidade histórica, organizadas segundo regularidades que definem o que pode ser dito, ensinado e praticado em determinado tempo e espaço. O sujeito, por sua vez, não é concebido como origem dos discursos, mas como efeito dessas formações, produzindo modos específicos de compreender, vivenciar e governar o corpo no contexto escolar.

A opção por uma leitura arqueogenealógica implica, portanto, recusar narrativas contínuas ou teleológicas da história da Educação Física. O percurso analítico privilegia a descrição das contingências, dos deslocamentos e das discontinuidades que permitiram a institucionalização de determinadas práticas corporais, ao mesmo tempo em que outras foram deslegitimadas, silenciadas ou marginalizadas. Tal movimento aproxima-se da proposta foucaultiana de produzir um saber histórico atento às lutas, às disputas e aos acidentes que constituem os campos de saber (Foucault, 2021).

Esse esforço dialoga com contribuições que, no campo da Educação Física, têm problematizado a constituição histórica da área. Estudos de Soares (2011), Bracht (1996; 2014), Fensterseifer (1999; 2013) e Quitzau (2015) indicam que a consolidação da ginástica, do esporte e da Educação Física escolar está profundamente vinculada à emergência de uma racionalidade moderna, marcada pela centralidade das ciências médicas, pelo higienismo e por ideais de ordem, disciplina e produtividade.

O corpo passa a ser objeto privilegiado de intervenção pedagógica e política. Dessa forma, o referencial teórico que sustenta esta pesquisa propõe uma leitura crítica da constituição da Educação Física escolar, apostando na desnaturalização de seus fundamentos históricos e na problematização dos critérios que legitimaram determinadas práticas corporais em detrimento de outras.

## 2.1 CONSTITUIÇÃO DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM BELÉM NO FINAL DO SÉCULO XIX

Sabe-se que a Educação Física foi se constituindo como modo de intervenção médica e pedagógica entre o final do século XVIII e o século XIX, tendo a escola como locus privilegiado para a realização de práticas de educação do corpo por meio de métodos como ginásticas, jogos e danças. Bracht (2014) destaca que, nesse período, ocorreu a valorização da atividade física, sustentada por médicos e por uma “visão de homem calcada na ciência” (p. 16), fundamentada em disciplinas como Anatomia, Biologia, Fisiologia, Biomecânica e Pedagogia. Contudo, tais discursos não atuaram de forma isolada na constituição da Educação Física escolar.

Conforme indica Melo (2018), as práticas corporais desenvolvidas no âmbito militar também exerceram papel determinante nesse processo, uma vez que os militares eram praticantes regulares de ginásticas e, em muitos casos, atuaram como professores dessas práticas nas instituições escolares. É nesse entrecruzamento entre discursos científicos e militares que se insere a correlação observada na Imagem 01, na qual a prática da ginástica no *Collégio Americano*, no ano de 1887, aparece associada a exercícios de caráter militar. Dirigida por José Veríssimo – que posteriormente se tornaria diretor da instrução pública paraense e um dos principais defensores da efetivação da “Educação physica” nas escolas de Belém –, a instituição exemplifica como esses diferentes saberes e práticas se articularam concretamente no espaço escolar.

**Imagem 01.** Gymnástica e exercícios militares no colégio Americano





Diário de notícias (PA). Ano 1887 (p. 1).  
Fonte: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

É interessante destacar que paralelamente à Educação Física escolar também anexou práticas corporais relacionadas a festas, circos e jogos. Segundo Melo (2018) e Soares (2011), estas “ginásticas marginais” serviram de referência para a ciência repensar as formas de ginástica, sua relação com a saúde e o ensino nas escolas. Na Belém da segunda metade do século XIX, ainda se percebem práticas de espetáculos acrobáticos e circenses, imagem 02.

**Imagem 02.** Gymnástica e acrobacias - Belém do Pará em 1871.



Diário de Belém: Folha Política. Ano 1871 (p. 3).  
Fonte: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 26/05/2021.

A cooptação das ginásticas populares implicou em novas formas de pensar e vivenciar o corpo, o que perpassou pela constituição da Educação Física escolar. A análise histórica demonstra que a educação do corpo não se restringiu ao espaço escolar, mas se expandiu pela cidade por meio de clubes esportivos, reformas urbanas, políticas sanitárias e prescrições de sociabilidade, fazendo da própria Belém um espaço pedagógico ampliado de disciplinarização dos corpos (Paes Neto; Vieira, 2025).

No mesmo sentido, segundo Soares (2012), nas crescentes cidades brasileiras foram desenvolvidas novas formas de controle para uma população crescente. Segundo Furtado e Borges (2018) e Fensterseifer (1999), os discursos ligados às ciências médicas foram determinantes na configuração de um discurso científico efetivado para balizar as práticas educativas do corpo. Reconfigurando aos poucos o processo de constituição como disciplina científica.

Longe de contemplarem a diversidade de manifestações corporais existentes, as ginásticas e os esportes institucionalizados em Belém foram selecionados a partir de referenciais europeus, operando como instrumentos de distinção social e exclusão de práticas populares, indígenas, africanas e circenses, consideradas inadequadas aos ideais de civilidade e progresso (Paes Neto; Vieira, 2025). Nesse interim, Bracht (2014) afirma

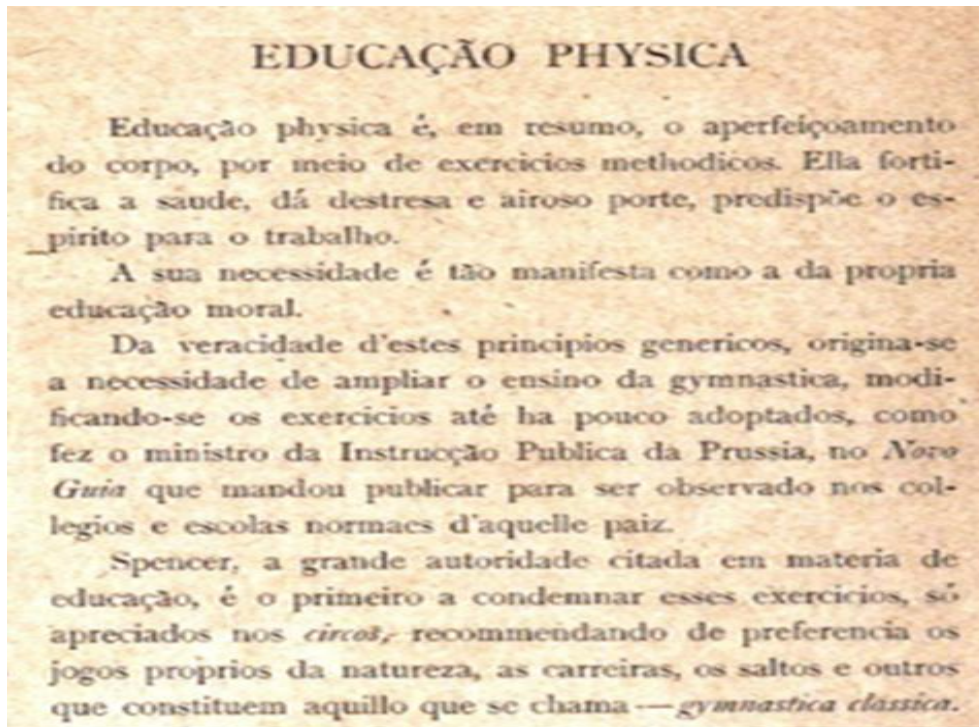


que a respeito da atividade teórica realizada nesse período, a forma científica ou de teorização da Educação Física foi efetuada com premissas essencialmente pedagógicas (normativas). Deduz sobre isso, que em Belém os jornais impressos e as revistas pedagógicas foram importantes para a disseminação dos diversos discursos. Como se pode observar na imagem 03.

Em texto intitulado de autoria de Octavio Pires, diretor da revista Educação e ensino, que contribuía na formação de professoras primárias, a “Educação *Physica*” é apresentada como formadora do caráter das crianças, para “o futuro cidadão” como força “motriz do progresso” e para a sua saúde (p. 129). Portanto, a revista pode ter tido um papel importante na formação das professoras e professores, imagem 03.

O texto de Octavio Pires, publicado na Revista Educação e Ensino, constitui um enunciado exemplar do processo de disciplinarização da Educação Física escolar no final do século XIX. Logo na definição inicial – “Educação *physica* é, em resumo, o aperfeiçoamento do corpo, por meio de exercícios *methodicos*” – evidencia-se uma concepção de corpo como objeto de aperfeiçoamento técnico, passível de ser moldado, corrigido e otimizado a partir de métodos racionalizados. Trata-se de uma formulação que desloca o corpo do campo da experiência vivida para o campo da intervenção pedagógico-médica, característica central da racionalidade moderna. Ao associar a Educação Física ao fortalecimento da saúde, da destreza e, sobretudo, à “predisposição do espírito para o trabalho”, o texto (imagem 03) articula explicitamente corpo, produtividade e moralidade. Essa vinculação confirma o argumento central do artigo de que as práticas corporais escolares não emergem como atividades neutras ou meramente recreativas, mas como tecnologias políticas do corpo, alinhadas a projetos mais amplos de governo da vida.

**Imagem 03.** Higiene escolar - Revista de educação e ensino.



Seção de Obras Raras – Biblioteca Arthur Vianna. Ano 1891.

Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

A Educação Física aparece como um dispositivo biopolítico que visa produzir corpos úteis, disciplinados e funcionalmente ajustados às exigências do trabalho e do progresso. A afirmação de que a “necessidade” da Educação Física é “tão manifesta como a da própria educação moral” revela a indissociabilidade entre corpo e moral no discurso higienista. O corpo educado fisicamente é, simultaneamente, um corpo moralizado. Tal enunciado reforça o que Foucault (1999) descreve como a passagem de um poder centrado na repressão para um poder que opera pela normatização, internalizando valores e condutas por meio de práticas aparentemente benéficas e pedagógicas.

Outro aspecto relevante do texto (imagem 03) é a defesa da ampliação do ensino da ginástica com base em referências europeias, como o caso da Prússia e da chamada “Gymnastica classica”. A citação de modelos estrangeiros, legitimados por autoridades científicas e administrativas, evidencia o processo de importação de referenciais europeus como critério de validação das práticas corporais escolares. Esse movimento, amplamente discutido no artigo, contribuiu para a consolidação de uma Educação Física escolar que operava como instrumento de distinção cultural, ao mesmo tempo em que marginalizava práticas corporais populares, locais, circenses e não escolarizadas.

A menção a Spencer como “grande autoridade” em matéria de educação reforça o peso do discurso científico na legitimação das práticas corporais. Ainda que Spencer critique determinados exercícios associados aos circos, sua autoridade é mobilizada para hierarquizar práticas e definir quais formas de movimento são consideradas legítimas, naturais ou educativas. Essa operação discursiva ilustra o funcionamento das formações discursivas, nas quais determinados saberes são autorizados a dizer a verdade sobre o corpo, enquanto outros são desqualificados ou excluídos.

Por fim, ao recomendar exercícios “methodicos” e sistematizados, em detrimento de práticas espontâneas ou lúdicas, o texto contribui para a transformação do movimento corporal em objeto de controle pedagógico. O brincar, o jogo livre e as expressões corporais não normatizadas são secundarizados, enquanto a ginástica escolar assume o estatuto de prática científica e civilizatória.

Os acontecimentos mencionados se correlacionam com a constituição disciplinar da Educação Física escolar em Belém, pois foram formas de educar o corpo que se percebe nos enunciados, que circulavam e viravam realidades. Para Melo (2018), amplia-se o papel das escolas (pensando no Rio de Janeiro,) no “auxílio do processo de disciplinarização e (...) de regularização dos usos do corpo”, também para atender “as necessidades higiênicas exigidas para a boa saúde dos alunos” (p. 23).

Em Belém, Pinheiro e Alves (2014) e Dias e Soares (2014) entendem que ocorreram simbioses entre os discursos médico-higienistas, republicano, de progresso, de práticas ao ar livre, de escolas e ginástica. Nesse interim, para Santos e França (2020) a educação escolar foi um pilar de sustentação de uma Belém civilizada. (p. 11).” Segundo Dias e Soares (2014), nas últimas décadas do século XIX, em uma Belém que crescia do ponto de vista da modernização, urbanização, com diversas influências europeias, é que a ginástica passa a ser mais decisivamente incluída nas escolas no final do século XIX. Nesse sentido, em 1890, no “Regulamento Geral da Instrução Pública Primária do Pará” (em destaque na imagem 04, foi oficializado o ensino da “educação *physica*” nas escolas. Caracterizado como uma educação da cultura física dos alunos, a qual deveria estar vinculada à higiene e aos fundamentos morais que as crianças deveriam receber.

O Regulamento Geral da Instrução Pública Primária do Pará, ao oficializar o ensino da “educação *physica*” nas escolas, constitui um marco normativo decisivo no

processo de institucionalização e disciplinarização da Educação Física escolar em Belém. Diferentemente dos textos pedagógicos e jornalísticos analisados anteriormente – que operavam como instâncias de difusão e persuasão – o regulamento atua como dispositivo jurídico-administrativo, conferindo estatuto legal a práticas corporais que já vinham sendo discursivamente produzidas como necessárias, científicas e moralmente desejáveis.

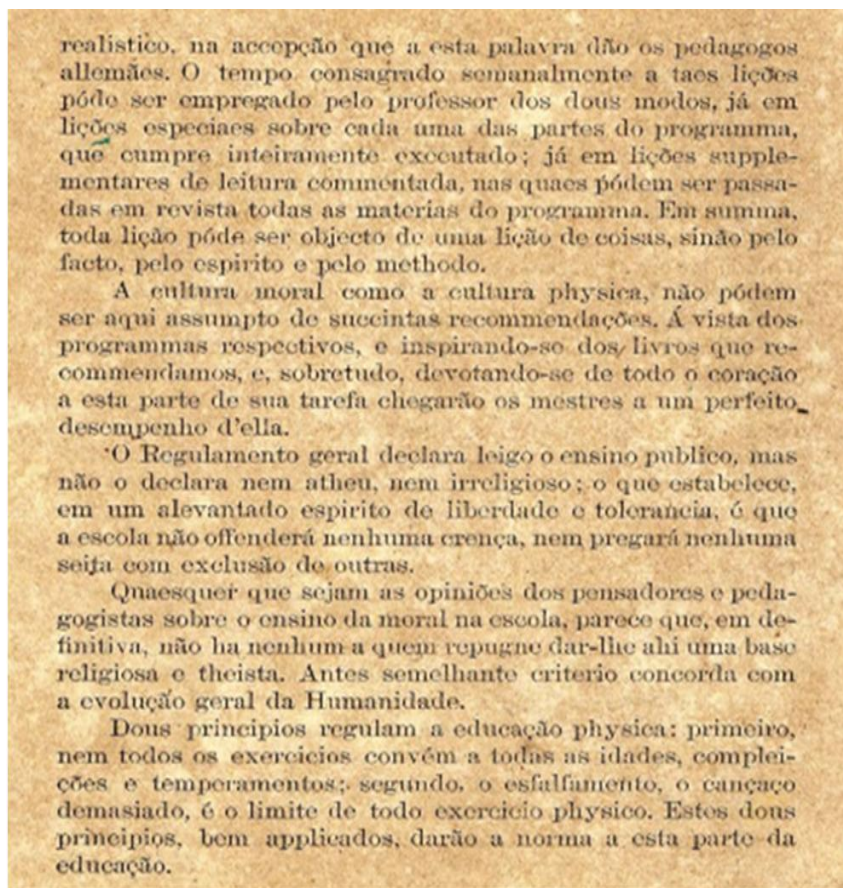
Ao caracterizar a educação física como parte da “cultura física” dos alunos, vinculada à higiene e aos fundamentos morais, o regulamento explicita a articulação entre corpo, saúde e moralidade que atravessa todo o projeto educativo da modernidade. O corpo infantil passa a ser concebido como objeto legítimo de intervenção estatal, devendo ser educado não apenas para a robustez física, mas para a conformação de condutas, hábitos e valores socialmente normativos. Trata-se de um movimento típico do que Foucault (1999) denomina biopolítica: a gestão da vida por meio de técnicas que visam regular populações a partir do cuidado, da prevenção e da normalização.

O texto do regulamento reforça ainda a ideia de que a educação física não pode ser compreendida isoladamente, mas integrada a um projeto educativo mais amplo, no qual a cultura moral ocupa lugar central. A afirmação de que a escola pública não deve ofender crenças religiosas específicas, mas deve sustentar princípios morais gerais, revela um deslocamento significativo: a moral deixa de ser exclusivamente religiosa e passa a ser pedagogizada e laicizada, sem perder seu caráter normativo. Assim, a educação física contribui para a produção de um corpo moralizado, disciplinado e ajustado às exigências da ordem social republicana, ainda que sob o discurso da tolerância e da neutralidade.

Outro elemento relevante do regulamento é a definição de princípios que devem orientar a prática da educação física, como a adequação dos exercícios às idades, compleições e temperamentos, bem como a condenação do excesso e do esforço demasiado. À primeira vista, tais prescrições podem ser interpretadas como cuidado com a saúde infantil; contudo, sob uma leitura foucaultiana, elas revelam a sofisticação dos mecanismos de poder. Não se trata de impor exercícios indiscriminadamente, mas de regular minuciosamente os corpos, classificando-os, diferenciando-os e distribuindo-os segundo critérios considerados científicos. O corpo é, assim, objeto de uma racionalidade técnica que mede, avalia e normaliza.



**Imagem 04.** Ensino primário – regulamento escolar 1890.



Seção de Obras Raras – Biblioteca Arthur Vianna.

Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/>. Acesso em: 26/05/2021.

O regulamento contribui para a consolidação de uma Educação Física escolar que opera menos pela coerção explícita e mais pela internalização de normas, instaurando um regime de autocontrole corporal. A ideia de que o esgotamento representa o “limite de todo exercício físico” não nega a lógica disciplinar; ao contrário, a refina, pois institui parâmetros de desempenho aceitáveis e patologiza os desvios – seja o excesso, seja a insuficiência. Articulado ao que o artigo demonstra, o regulamento evidencia como a Educação Física escolar em Belém foi sendo constituída por meio de uma simbiose entre discursos médicos, pedagógicos e jurídicos, que transformaram o corpo infantil em alvo privilegiado de intervenções normativas. A escola emerge, assim, como espaço estratégico de aplicação dessas tecnologias de poder, onde se produz não apenas um corpo saudável, mas um corpo obediente, útil e moralmente ajustado.

Supõe-se que a constituição disciplinar da Educação Física escolar em Belém no final do século XIX se relacionou com as políticas higienistas, com uma educação baseada em uma moral utilitária relacionada com a técnica, tendo um caráter eminentemente intervencionista em uma cidade que passava por crescimento populacional, modificações de ordem políticas e culturais.

### 3 METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico e analítico, a pesquisa aproxima-se das teorizações arqueogenealógicas de Michel Foucault, tomando os documentos não como vestígios neutros de um passado a ser lembrado, mas como monumentos a serem desmontados, interrogados em suas condições de produção e em seus efeitos de verdade (Foucault, 2008). Essa perspectiva possibilita instaurar um estado de suspeição sobre a produção das verdades, permitindo questionar como certos discursos se estabilizaram como verdadeiros enquanto outros foram marginalizados ou silenciados.

O conceito de biopoder, formulado por Foucault (1999), é compreendido como uma técnica específica de poder que emerge a partir do século XVIII, deslocando o eixo do poder soberano – centrado no direito de vida e morte – para estratégias de regulação da vida das populações. Trata-se de uma racionalidade governamental que passa a gerir a saúde, a higiene e a produtividade dos corpos, tendo se materializado historicamente por meio de políticas higienistas, eugenistas e de dispositivos de controle social. Nesse sentido, a análise volta-se aos enunciados que compõem formações discursivas específicas, entendidas, conforme Foucault (2008), como conjuntos regulares que delimitam as condições de existência dos discursos.

Assim, a formação discursiva é tomada como operador teórico-analítico central, orientando uma arqueogenealogia das práticas educativas do corpo em Belém do Pará, com o objetivo de evidenciar as contingências, disputas e desvios que tornaram possíveis determinadas formas de educar e governar os corpos. O recuo histórico permite compreender que, na base do que conhecemos e somos, não residem verdades universais ou essências, mas a exterioridade dos acidentes históricos (Foucault, 2008).

As fontes buscadas e analisadas incluem os documentos considerados não oficiais, recolhidos e reunidos em arquivos feitos para durar e produzir memórias:



matérias jornalísticas, campanhas publicitárias, produções literárias e artísticas, de modo geral, revistas pedagógicas, revistas de variedades que contivessem enunciados relativos às práticas corporais no recorte temporal estudado. Sobre o acesso à coleta de dados, os registros foram acessados em duas plataformas de arquivos: 1) Hemeroteca Digital Brasileira; 2) Seção de obras raras da biblioteca pública Arthur Vianna . A unidade de enredo traçada dá visibilidade à trama que possibilitou a emergência de um dado modo de dizer.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O higienismo e as políticas sanitárias atuaram como expressões privilegiadas do biopoder, estabelecendo classificações e hierarquias corporais que produziram corpos desejáveis – fortes, produtivos e disciplinados – e corpos indesejáveis, associados à doença, ao desvio e à improdutividade (Paes Neto; Vieira, 2025). Segundo Foucault (2021), o poder cria os corpos via discursos que produzem realidades. Assim, através de diversos discursos médicos<sup>2</sup> e pedagógicos, os corpos passam a ser pautados e produzidos, sendo utilizados como mecanismo de controle da própria urbanização que foi tanto produto como produtora da biopolítica.

O biopoder tem expressão visível por meio do controle da salubridade, da higiene pública e das políticas higienistas que se entrelaçavam com os discursos médicos sobre ginásticas e esportes. Assim como, produziram diversas realidades sobre o corpo, suas formas de educação e, portanto, suas formas de existir no espaço urbano. A modernidade gerada pela *Belle Époque* em Belém exigiu produtividade, lucro e emprego de capital, nestes termos, é possível afirmar que o meio ambiente, o corpo, a subjetividade, a memória e a vida em perspectiva sócio-histórica se tornavam secundários.

O corpo passou a ser alvo do poder moderno. Um corpo apto ao esforço, disciplinado, obediente ao cientificismo vigente, tanto quanto permanece temente ao erro e ao pecado, posto que a cena religiosa da cidade acompanha o pungente

---

<sup>2</sup> Segundo Foucault (2021), por dentro do uso médico na política de países como Alemanha, França e Inglaterra é que os discursos científicos vão se constituindo (sendo produzidos) por dentro da medicina, sem preterir suas funções políticas. Segundo o autor “A medicina passou da análise do meio à dos efeitos do meio sobre o organismo e finalmente à análise do próprio organismo. A organização da medicina foi importante para a constituição da medicina científica”.

desenvolvimento econômico. Em meados do século XIX, em Belém, as mudanças em curso na cidade ascendiam patamares elevados e sem precedentes e incluindo diversos aspectos. Segundo Melo (2014, p. 1), a produção de ginásticas e esportes a partir de preceitos modernos, se deu no “decorrer dos séculos XVIII e XIX”, com “a articulação entre o desenvolvimento de um novo modelo econômico” e uma nova dinâmica política da cidade.

Portanto, como práticas educativas do corpo e gestão do tempo livre/de lazer. Os jogos historicamente também eram formas de manifestação da cultura dos povos, ou seja, jogos ligados a expressões utilitárias (provavelmente da agricultura), recreativas e religiosas, ligados, em sua essência, às necessidades de sobrevivência, tal como a caça. Porém, na modernidade também passaram a ser um dispositivo de biopoder à medida em que o corpo foi colocado no centro das atenções, discursos e projetos de sociedade, o que se localiza diante do sujeito, o corpo como cerne do controle – que ultrapassa a lógica punitiva à perspectiva higiênica (Foucault, 2008). Um corpo ativo, trabalhador, forte, que se reverberou sobre ginásticas e esportes.

Os discursos dominantes e incluídos nas escolas passaram a ser o médico normativo. O jogar foi deixando de ser livre e se tornando um método sistemático de exercício, alinhado com diversos discursos (médicos, militares, igreja, imprensa e outros), em que o corpo se tornara uma entidade que transcende a lógica punitiva, sendo moldado pela perspectiva higiênica. Essa transição exemplifica uma mudança no paradigma de poder: de um controle explícito e coercitivo para um mais sutil e disciplinado, assim, o poder soberano se tornou biopoder. A descrição de um corpo ativo e trabalhador reflete o ideal do século XIX, alinhado às necessidades da industrialização. Esse corpo “ideal” representa uma construção social que marginaliza outros corpos – os inativos, os fracos, os que não atendem às expectativas de força e produtividade.

A tecnologia de biopoder foi instaurado em espectro amplo que incluía médicos/sanitaristas que promoviam normas de saúde; militares que defendiam a preparação física para a defesa da nação; a Igreja que moralizava os comportamentos corporais e a imprensa propagava esses ideais como modelos universais (Matos, 2012). A confluência de discursos marginalizava qualquer corpo ou prática que escapasse às normas instituídas. Essa coalizão disciplinar exemplifica o uso do corpo como

ferramenta para atender a interesses de dominação, reforçando estruturas de poder e perpetuando desigualdades, assim, é possível afirmar que as práticas populares e os modos alternativos de vivenciar o corpo são deliberadamente interditados, apagados ou reconfigurados.

A ginástica é posta como uma ferramenta de controle (Vigarello, 2003). As atividades descritas no texto, como exercícios respiratórios, de equilíbrio e marchas simples, configuram-se como formas de ginástica, transformada em um método rigoroso, com objetivos de moldar o corpo de acordo com normas predefinidas. A sistematização da ginástica exemplifica um processo de domesticação do corpo, secundarizando o caráter lúdico e espontâneo, em outras palavras, um corpo que pode atender uma lógica de poder.

Esse controle sobre o corpo infantil não era apenas pedagógico, mas político, preparando as pessoas para atender às expectativas de uma sociedade militarizada, industrializada e disciplinar. O foco em exercícios respiratórios e no fortalecimento do corpo estava alinhado às preocupações da época com saúde pública e preparação física para a defesa nacional. O higienismo, sob o pretexto de promover a saúde, muitas vezes serviu como ferramenta para controlar corpos considerados “impróprios” ou “fracos”, não obstante, as práticas militares implícitas na educação física (como as marchas) apontam para a utilização da escola como um espaço de formação de corpos obedientes. Essa visão limita o papel da educação ao de um treinamento corporal, ignorando aspectos emocionais, criativos e culturais do movimento Pich (2014) e Bracht (1996).

O controle sobre o corpo na escola estava frequentemente associado a discursos de moralidade. O corpo disciplinado era também um corpo moral, que se enquadrava em normas de comportamento ditadas por instituições como a igreja e o Estado. A ideia de que a educação física deveria formar “bons cidadãos” expõe o papel ideológico dessa prática, que, sob a aparência de cuidado com o corpo, servia para perpetuar normas sociais conservadoras e excludentes. Contudo, a constituição da Educação Física escolar em Belém esteve vinculada à produção de subjetividades ajustadas às exigências da modernidade urbana e industrial, articulando discursos médicos, militares, religiosos e pedagógicos na formação de corpos obedientes, moralizados e úteis ao projeto social vigente (Paes Neto; Vieira, 2025).

## 5 CONCLUSÃO

Este estudo demonstrou como práticas discursivas e não discursivas atuaram de maneira estruturada para instituir modos de ver e educar o corpo na cidade de Belém. O uso de perspectivas foucaultianas, especialmente as teorizações sobre biopolítica e biopoder, permitiu desconstruir documentos históricos que narravam o cotidiano das práticas corporais, como jornais, livros e materiais didáticos. A análise destes artefatos permitiu afirmar que a cidade de Belém, em seu processo de modernização, investiu em práticas educativas voltadas para o corpo, refletindo uma tentativa de moldar comportamentos e construir um padrão de saúde e disciplina alinhado aos interesses da época. Ao evidenciar os modos históricos de disciplinarização e regulação do corpo, essas análises permitem compreender que os dispositivos biopolíticos instituídos no final do século XIX não se encerraram naquele contexto, mas seguem operando sob novas linguagens e tecnologias, atualizando formas de controle, normatização e gestão da vida na contemporaneidade (Paes Neto; Vieira, 2025).

Dispositivos continuam operando no presente sob formas renovadas, sustentando um regime biopolítico que regula, normatiza e hierarquiza os corpos. Na contemporaneidade, observa-se uma persistente instrumentalização dos discursos sobre saúde, produtividade e estética, que reforçam padrões corporais idealizados e operam como tecnologias de subjetivação. A lógica disciplinar analisada neste trabalho – e sua incidência sobre a educação do corpo – permanece ativa, ainda que sob novas linguagens e dispositivos. Como afirma Fensterseifer, somos “construtores de sentido em um horizonte de sentido” (2021, p. 40), o corpo pode ser compreendido como linguagem, o que implica um deslocamento ético, estético, existencial e político na Educação Física. Trata-se da passagem de uma pedagogia da execução para uma pedagogia da escuta, na qual o conhecimento recupera sua condição de acontecimento simbólico e a linguagem deixa de ser apenas meio para se constituir como lugar do mundo (Fensterseifer, 1999).

Essa perspectiva demanda a reconfiguração da escola como espaço de criação de sentidos, em que o professor atua como intérprete das experiências dos alunos e o corpo é escutado em sua pluralidade. Na prática pedagógica, esse horizonte se expressa em propostas que valorizam a expressividade corporal, o movimento como diálogo e o

cuidado de si, aproximando a Educação Física de uma prática formativa sensível à diversidade dos corpos e à complexidade das relações humanas (Da Silva; Fensterseifer, 2015). Ao fazê-lo, o estudo contribui para os debates contemporâneos sobre a história da Educação Física escolar, evidenciando seu enraizamento em dispositivos biopolíticos que seguem operando na educação do corpo.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 4<sup>o</sup>. ed. Unijuí, 2014.

BRACHT, Valter. Educação física no 1<sup>o</sup> grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 23-28, 1996. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-199854>. Acesso em: 10 jun. 2020.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos: revista da Casa de Rui Barbosa**, ano 5, n. 5, p. 141-168, 2011. Disponível em: [https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/handle/20.500.11997/17066?utm\\_source=chatgpt.com](https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/handle/20.500.11997/17066?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 10 jun. 2020.

DA SILVA, Sidinei Pithan; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Conhecimento e intervenção na Educação Física: questões ético-epistemológicas. In: **CONGRESSO Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/3uetdur4>. Acesso em: 10 dez. 2016.

**DIÁRIO DE NOTÍCIAS**. Belém: periódico jornalístico, final do século XIX. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

DIAS, Douglas da Cunha. **Quem te margeia conta de ti**: educação do corpo na Belém do Grão-Pará (de 1855 à década de 1920). 2014. 484 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/936196>. Acesso em: 02 jan. 2019.

DIAS, Douglas. SOARES, Carmen Lúcia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no reflexo das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p.165-196, Abr. 2014. Disponível em: <https://revistashomol.pucsp.br/index.php/revph/article/view/19712>. Acesso em 15 dez. 2019.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Epistemologia, crítica e formação: uma interpretação não metafísica (para os habitantes da caverna). **Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a Educação Física**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, p. 31-48, 2013.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A educação física na crise da modernidade**. 1999. 213 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000195528>. Acesso em 10 jan. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 1970. 3º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org. e Trad.). **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2021. p. 15-40.

FURTADO, Renan.; BORGES, Carlos. Educação Física Brasileira entre 1980 e 1995: novos olhares sobre a produção do conhecimento. **Filos. e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.3, p. 506-535, set./ dez. 2018. Disponível em: [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8651719/19066/47305?utm\\_source=chatgpt.com](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8651719/19066/47305?utm_source=chatgpt.com). Acesso em 10 fev. 2020.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da Silva; SOUSA, Marlucy do Socorro Aragão de. A educação da Criança na república paraense: as propostas de José Veríssimo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 5, n. 15, p. 11-25, 2016. Disponível em: [https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6238605.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6238605.pdf?utm_source=chatgpt.com). Acesso em 11 jan. 2020.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, ginástica, educação física: as práticas corporais institucionalizadas. **ComCiência**, Campinas, n. 157, abr. 2014. Disponível em: [https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000300011&lng=e](https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000300011&lng=e). Acesso em 26 maio 2021.

MELO, Victor Andrade de. Preocupações com a educação física: o ensino de práticas corporais nas escolas fluminenses (1836 - anos 1850). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e175905, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e175905.pdf>. Acesso em 26 maio 2021.

PAES NETO, Gabriel Pereira; VIEIRA, Eduardo Paiva de Pontes. Educação do corpo: biopolítica e biopoder em Belém do Pará, entre o final do século XIX e o início do XX. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 38, n. 62, p. 80–98, jun. 2025. DOI: 10.22562/2025.62.05. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/8375>. Acesso em: 1 ago. 2025.



**PARÁ, Governo do Estado.** Decreto de 21 de julho de 1890. Regulamento Geral da Instrução Pública Primária. Belém: Tipografia do Diário Oficial, 1890. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

**PARÁ (Província).** *Actos do Governo da Província do Pará.* Belém: Typographia do Diário Oficial, 1887. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

**PARÁ (Estado).** *Regulamento Escolar do Gymnasio Paes de Carvalho.* Belém, final do século XIX. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

PICH, Santiago. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico de educação física.** Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 108-111.

PINHEIRO, Welington; ALVES, Laura. A educação da infância paraense a partir de propagandas de colégios no início do século XX. **Cáceres: UNEMAT Editora.** Vol. 5, no. 2, (2014), 239 p. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/235/229>. Acesso em 26 maio 2021.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912),** 3a edição. Belém, Paka-tatu, 2010.

SANTOS, Darlene dos; FRANÇA, Maria Avelino de. A Imprensa Pedagógica No Pará Em Dias De República: A Revista A Escola E A Revista Do Ensino Como Instituições De Formação (1900-1912). **Revista História da Educação (Online)**, 2020, v. 24: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/92639>. Acesso em 26 maio 2021.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). **Corpo e história.** – 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 111-131.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes europeias e Brasil.** 5 ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2012.

SOARES, Carmen Lucia. (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana.** Campinas, SP. Autores Associados: 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). Uma educação pela natureza:** a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, p. 1-45, 2016.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. Université de Paris V École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS). **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas**, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/170>. Acesso em: 10 jan. 2010.

Recebido em: 16 de dezembro de 2025.  
Aceito em: 30 de dezembro de 2025.